

O BRASIL SOCIAL

(Vistas syntheticas obtidas pelos professores de Le Play)

por

Sylvio Romero

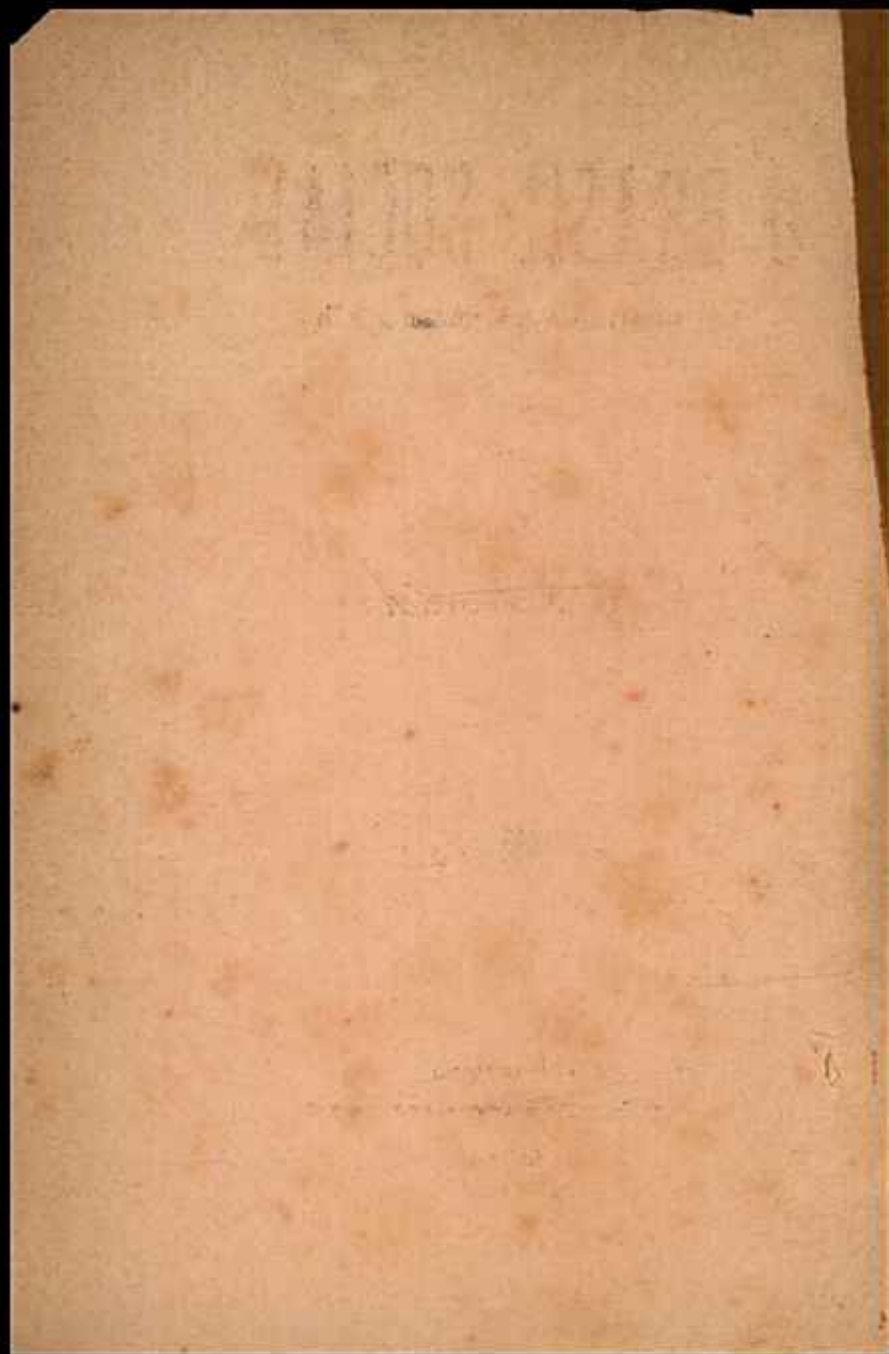


RIO DE JANEIRO

Typ. do "Jornal do Commercio" de Rodrigues & C.

1907





(1038)

50,00

O BRASIL SOCIAL

(Vistas syntheticas obtidas pelos processos de Le Play)

POR

Sylvio Romero

Levy Aracy Correia de Brito
1919

LIVRARIA BRAZILEIRA
DE

★ TANCREDO DE BARROS PAIVA
132, Rua do Lavradio, 132

Annuncia ás Terças-feiras
no "Jornal do Commercio"



RIO DE JANEIRO

Typ. do "Jornal do Commercio" de Rodrigues & C.

1907

6084



B 81981
R 763 h
v: LB
2525



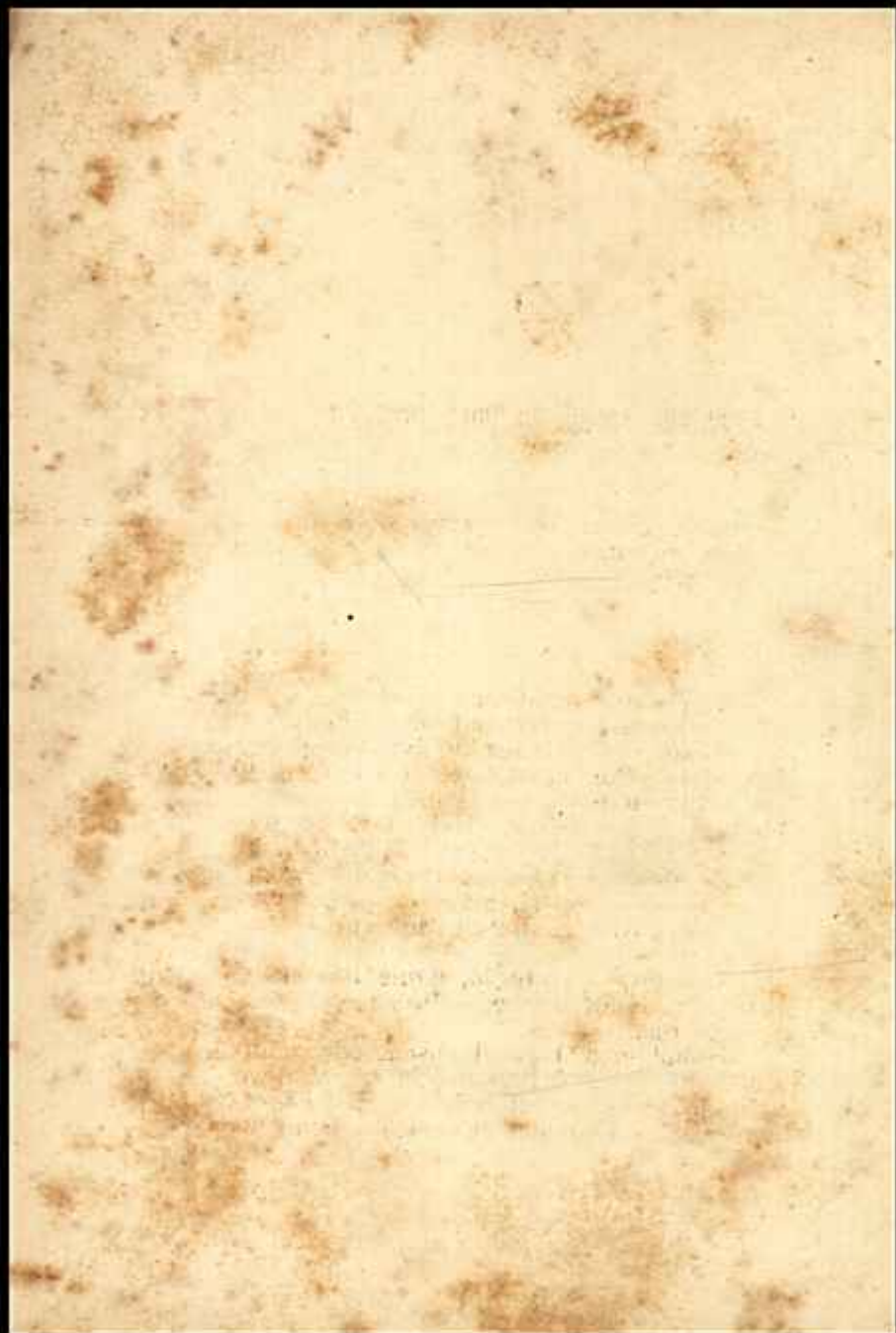
Aos Srs. Dr. João Pinheiro e Americo
Verneck, por vêr agora que commungam
nestas idéas.

Off.

S. Raméto.

BIBLIOTECA DA F. F. C. L. - ASSIS	
Data	8/6/99
	RIH/6318
Tombo	6084
	Jur





I

Estado social do povo brasileiro

(EXTRACTO DO DISCURSO RECITADO NA ACADEMIA BRASILEIRA NO DIA 18 DE DEZEMBRO DE 1906)

.....

E' preciso generalizar e concluir.

Que lição poderemos tirar do discurso, dos artigos, dos estudos, do livro do Sr. Dr. Euclýdes da Cunha, eu digo lição que possa aproveitar ao povo, que já anda cansado, de phrases e promessas, desilludido de engodos e miragens, sequioso de justiça, de paz, de socego, de bem-estar que lhe fogem, esse amado povo brasileiro, pauperrimo no meio das incalculaveis riquezas de sua terra ?

E' a *terceira tentação*, a que não posso fugir, e não me furtarei a dizer meia duzia de palavras.

Já andamos fartos de discussões politicas e litterarias. O Brasil social é que deve attrahir todos os esforços de seus pensadores, de seus homens de coração e boa von-



tade, todos os que têm um pouco de alma para dedicar à pátria.

E' onde pulsa a maior intensidade dos problemas nacionaes, que exigem solução, sob pena, senão de morte, de retardamento indefinido no aspirar ao progresso, no avançar para o futuro.

Vós, Sr. Euclides da Cunha, em vosso discurso, alludindo, celere, de raspão, aos nossos desvairos e aos nossos desengonçados e tumultuarios esforços e planos de reforma, dizeis que soffremos da vesania de *reformatar pelas cimalthas...* E' a verdade. Mas por que? Reformar pelas cimalthas e não pela base, pelo alicerce... Porque? Donde provem esse perpetuo desalino de tantos homens intelligentes?

Em vosso livro, logo nas primeiras paginas, estabeleceis que a nossa evolução biologica reclama a garantia da evolução social; estamos condemnados á civilização: *ou progredimos ou desaparecemos...*

Logo, é que não nos julgaes no todo civilizados, e, a despeito de tantas apparencias enganadoras, corremos perigo... Por que?

Claro, existe ali um problema a resolver, uma antinomia a explicar.

Noutro lanço de vosso livro, como uma synthese delle, como a lição que brota de vossas meditações, chegastes a este resultado acerca das populações sertanejas do Brazil: « A sua instabilidade de *complexus* de factores multiplos e diversamente combinados, alliada ás vicissitudes historicas e deploravel situação mental em que jazem, as tornam talvez ephemerias, *destinadas a*



proximo desaparecimento, ante as exigencias crescentes da civilização e a concorrência material intensiva das correntes migratorias que começam a invadir profundamente a nossa terra... Retardarias hoje, amanhã se extinguirão de todo. Além disto, mal unidos áquelles patricios pelo sólo, em parte desconhecido delles, de todo nos separa uma coordenada historica—o tempo.»

Logo, temos aqui a mais singular das situações sociaes, alguma cousa de gravemente inquietante que ha mister esclarecer para afastar, para corrigir, para conjurar, se possivel, como que duas nações que se desconhecem, separadas no espaço e ainda mais no tempo, e uma dellas votada ao desaparecimento, no pensar dum dos maiores talentos da nossa actualidade, um dos mais completos conhecedores de nosso povo !...

Mas essa parte das nossas gentes, destinada, a seu vêr, a apagar-se da vida e da historia, é a maior parte da nação e é aquella que fundou as nossas riquezas, e é aquella que tem mantido a nossa independencia, porque é aquella que sempre trabalhou e ainda trabalha, sempre se bateu e ainda se bate...

Não ha nisso uma anomalia, uma rarissima extravagancia da evolução historica? Evidentemente. E por que? Eis o problema.

Responder a elle cabalmente não é coisa para ser feita nas quatro palavras do final dum discurso academico. Uma vista completa do assumpto exigiria, por assim dizer, o desmontar das diversas peças que formaram e vão formando o nosso povo; o serem ellas estudadas, uma a uma, na



sua constituição íntima e na grande alteração que têm soffrido, pela fusão, neste clima, neste meio.

Seria indispensavel estudar o paiz, zona por zona, porque existem differenciações varias a notar aqui e ali, exigidoras de diagnosticos divergentes e terapeuticas especiaes. Não é aqui, claro, o logar de o tentar.

Basta-me consignar que o nosso estremeado povo brasileiro apresenta a symptomatologia geral das nações, a cujo grupo pertence, esse grande numero de povos de indole e formação *communaria*, especialmente os latino-americanos, que têm de supportar a nova concurrencia das nações de formação *particularista*, collocadas actualmente á frente da civilização industrial do nosso tempo: — inglezes, allemaes, americanos, canadenses, australianos, flamengos, hollandezes, francezes do norte, povos que retêm em suas mãos os capitães movimentadores do mundo moderno.

Mas apresenta essa symptomatologia, ao lado de caracteres que lhe são proprios e o individualizam mais de perto.

Indicar estes ultimos, mesmo de relance, é ter uma resposta á pergunta formulada. Apontarei, por brevidade, minhas observações em proposições synopticas.

A crise universal hodierna entre a velha e a nova educação, entre a cansada intuição *communaria*, que procura resolver o problema da existencia, apoiando-se na collectividade, na communhão, no grupo, quer da familia, quer da tribu, quer do clan,



quer dos poderes publicos, do municipio, da provincia, do Estado, dos partidos, jogando como arma principal das classes ditas dirigentes a *politica alimentaria*, o emprego publico, as faccis profissões liberaes, o mero commercio e a intuição particularista, que encara aquelle problema, principalmente como coisa a ser solvida pela energia individual, a autonomia creadora da vontade, a força propulsora do caracter, a iniciativa particular no trabalho, as ousadias productoras do esforço, essa crise universal acha-se no Brasil complicada por causas e circumstancias especiaes de seu desenvolvimento ethnologico e historico.

Entre nós, a raça colonizadora, acostuada geralmente ao commercio e, em varias zonas do sul e das montanhas de sua terra, á vida dum facil pastoreio, e, no resto do paiz, á cultura doce, que é quasi uma *jardinagem*, da vinha, dos frutos arborecentes, como as castanhas, as nozes, os figos, as oliveiras, e, em muito menor escala, do centeio e do trigo, foi obrigada a uma cultura rude e penosa. Recorreu, pela força, ao captiveiro de indios e negros; gentes selvagens, alheias quasi de todo ao trabalho agricola.

Os mestiços das tres raças eram, por via de regra, pela mór parte incorporados entre os escravos. Os colonos reinões, de gradações e categorias varias, se encarregavam do suavissimo officio de... mandar...

E como não, se eram os senhores dos outros e os donos da terra?



Mas todo o mundo não podia ser no campo senhor de engenho, fazendeiro de gado ou de café, proprietário de datas auríferas ou diamantinas, o que importa dizer que grande parte, a mór parte da população, o grosso proletariado rural — não escravo — não possuía um palmo de terra; porque esta foi desde o começo ficando açambarcada em enormes latifúndios pelos concessionários das sesmarias interminas.

O alludido proletario teve fatalmente de acoslar-se como aggregado á patronagem dos grandes proprietários. E' a origem dos doze milhões de brasileiros que habitam todo o interior do paiz: matas, sertões, campos geraes, chapadas, chapadões e planaltos, fóra das restrictas gentes das grandes villas e cidades da costa ou mesmo do centro. Nestas, os habitantes das villas e cidades os mandões, directamente vindos da Europa ou já nascidos no paiz, apoderavam-se dos cargos publicos ou exerciam o commercio, a mercancia, que teve, no correr de seculos, entre nós todos os caracteres duma pirataria em grosso.

O resto da população livre, o maior numero dividia-se nos povoados ainda em dois grupos, o dos que mourejavam na pratica duns officios reles que lhes garantiam uma existencia penosissima, e o dos que resvalavam numa pobreza abjecta, repulsiva. Ainda hoje, por essas terras além o Brasil é fundamentalmente isto mesmo, sendo apenas a grande novidade moderna a incorporação dos ex-escravos nessa enorme massa de população proletaria, quer dos campos, quer das grandes povoações.



Originaram-se dessa anomalia inicial antinomias que ainda hoje nos atropelam e fazem manquejar. A primeira dellas é a disparidade entre uma pequena élite de possuidores e proprietários e o avultadissimo numero dos que nada têm, nada possuem, principalmente nas populações ruracs.

Segunda extravagancia do genero é a antinomia entre outra élite, a dos intellectuaes, civada de estrangeirices de toda a casta, especialmente na capital e nas grandes cidades, e o immensissimo numero de analfabetos ou incultos que constituem a nação por toda a parte. Esta ultima extravagancia agrava-se d'um peculiar despropósito que, repetido, a toda hora, nos jornaes, nos discursos e nos escriptos dos que entre nós dirigem a opinião, tem produzido somma incalculavel de males, desviando os governos e todos os que disso podiam curar de cumprir o seu dever para com a maioria da população nacional.

Quero falar, da singularissima teima dos intellectuaes de toda a casta de dizerem mal das gentes da roça, sertanejas ou não, sem se lembrarem que, ha quatro seculos, ellas é que trabalham e produzem, ellas é que se batem, isto é, sem se lembrarem que ellas é que têm sustentado o Brasil, como povo que vive e como nação que se defende.

Aos fazendeirós e senhores de engenho tratam como adversarios e mãos sujeitos.

Magnatas, senhores feudaes, despotas, insaciaveis parasitas—são as gentilezas com que os brindam.

Aos homens do trabalho no campo consideram uma turba amorpha que vae desap-



parecer, bandos de *sertanejos*, de *jagunços*, *caipiras*, *matutos*, *tabaréos*, *caboclos*, sem a menor valia.

E não lhes occorre, repito, que essas gentes é que com os ex-escravos, nellas hoje incorporados, crearam, com todas as falhas, a fortuna, a riqueza existente no paiz.

O fazendeiro exerceu e exerce ainda a natural patronagem, propria do regimen agricola ou pastoril dos paizes como o nosso; os *sertanejos e matutos*, os *tabaréos e caipiras*, *gauchos e roceiros* de todas as graduações—são os unicos operarios ruraes, pastoris ou agricolas, com que temos contado, não mettendo em linha alguns milhares de colonos que só recentemente foram introduzidos e em raras zonas do territorio vastissimo.

A força de resistencia, em que pese aos fantasistas, da população brasileira está precisamente nessas gentes do interior, nos doze milhões de sertanejos, matutos, tabaréos, caipiras, jagunços, caboclos, gauchos...

O problema brasileiro por excellencia consiste exactamente em comprehender este facto tão simples e tratar de fazer tudo que fôr possivel em prol de taes populações, educando-as, ligando-as ao sólo, interessando-as nos destinos desta patria.

O maior obstaculo a isto tem sido as litteratices dos escriptores e politicos que se julgam, elles, esses desfrutadores de empregos publicos, posições e profissões liberaes, os genuinos e unicos brasileiros, a alma e o braço do povo. Por isso é que se arvoram em nossos directores...

Outra singularidade latino-americana, agravada no Brasil, e oriunda das prece-



dentes, é que não conseguimos formar ainda um povo devidamente organizado d'alto a baixo.

Faltam-nos a hierarchisação social, o encadeamento das classes, a solidariedade geral, a integração consensual, a disciplina consciente d'um ideal commum, a homogeneidade intima.

Falta-nos a radicação á terra pela propriedade espalhada largamente, pelo cultivo, pela producção autonoma da riqueza nacional.

O nosso povo está em regra desenraizado do solo ou nelle subsiste como uma vegetação estranha. Faltam-nos o aferro ao trabalho, a base economica, livre, ampla e segura, e, mais, a masculinidade da vontade, o espirito de iniciativa, a audacia do esforço, do emprehendimento, da luta pelo progresso e bem estar.

Notam-se de sobra a indisciplina, o espirito de *clan*, a divisão, a desharmonia, a falta de solidariedade, de consciencia collectiva popular.

Dest'arte, se por um lado não temos o operariado rural, organizado, affeito ao trabalho regular e seguido; nem uma classe numerosa, por toda a parte espalhada, de pequenos proprietarios agricolas; nem a dos medios proprietarios da mesma especie, porque as terras são devolutas, de herreos, ou estão nas mãos dos grandes latifundiarios, hoje geralmente decadentes, não possuímos, por outro lado, o vasto operariado urbano brasileiro, patricio, organizado pelo paiz em fóra; nem a pequena burguezia proprietaria, farta e abastada; nem tão



pouco, a grande burguezia, comparavel á das fortes nações particularistas, opulenta, poderosa, progressiva, e, menos ainda, a vasta aristocracia do dinheiro, o grupo dos millionarios, dos banqueiros, dos capitalistas nacionaes emprehendedores. Não possuímos os grandes mineradores, os grandes creadores, os grandes agricultores, os grandes industriaes á moderna. Esta geral falta de base economica estavel e independente, que repercute na familia e na indole do povo, pela incerteza dos meios e modos de viver, leva-nos a não ter nem, como os povos orientaes, a estabilidade-patriarchal, duma parte, e nem, doutra, a iniciativa, a coragem e espirito emprehendedor particularista.

E' tambem uma antinomia, e das mais sérias de nossas gentes. Este mal provém, como se viu, das origens, da materia prima humana empregada no povoamento, na formação da nação e tambem da natureza do meio, *aspero*, em grande parte do paiz, e ao mesmo tempo *enganoso*, pelas facilidades outorgadas á vadiagem, com a abundancia de productos espontaneos, aproveitaveis sem labor, *duro* para a grande e a intensa cultura, *doce* para a vida imprevidente dos improgressivos.

A estes dois factores fundamentaes juntam-se, neste particular, effeitos que estão desde o começo actuando como causas maleficas: os vicios, accumulados por quatrocentos annos, da escravidão, da *politico-meio de vida*, da emprego-mania, do horror pela vida afanosa do campo no meneio de industrias productoras, da attração para os



folgados afazeres dos cargos officiaes, das profissões letradas e da mercancia nas cidades.

Outra grande singularidade da evolução brasileira é o facto originalissimo, que não tem sido notado e menos apreciado na sua genuina significação, e é explicavel pelos phenomenos sociaes e politicos já adduzidos.

Refiro-me á negação pelo Brasil dada á lei historica, observada na millenaria evolução do Occidente, quando se deu a transformação dos escravos e servos em homens livres. Em todo o Occidente, a mór porção daquelles transmudou-se nessa massa de pequenos proprietarios agricolas, presos ao solo pelos mais solidos interesses, e que veiu a constituir o cerne, o amago, o nervo das nações modernas; a outra porção transformou-se nesse corpo de operarios ruraes tambem ligados á terra e que é tambem uma das bases firmes das nações fortes e futuras.

No Brasil nada disto.

Tivemos, por duas vezes, a solemne abolição em massa.

A primeira vez na ultima phase do seculo XVIII, quando foram libertados os escravos indios e mestiços d'indios. Fugiram quasi todos para os matos e os que ficaram em aldeamentos não se transformaram em proprietarios de terras e nem se entregaram á cultura.

Prolongaram uma vida de miserias, servindo officios inferiores, até se obliterarem quasi inteiramente na massa do proletariado anonymo das vizinhanças.

A outra vez foi hontem, em nossos dias, quando se libertaram os escravos de origem



africana e mestiços dell'es, na penultima de cada do seculo XIX.

A debandada foi ainda mais geral.

O ex-escravo, que não linha sido preparado pelo colonato, nem pela adescricção ao solo, devido á solemne incapacidade da famosa élite de bachareis palreiros que têm sido sempre governo nesta terra e têm tido nas mãos os destinos do Brasil, o ex-escravo deu em geral na calaçaria e emigrou para os povoados... Ahí vive aos trambolhões nuns empregos reles. Ahí, nas cidades, como nesta capital, nenhuma aspiração elevada e nobre lhes despontou n'alma.

Augmentaram apenas a nota comica que nos cerca por todas as faces da existencia. Uma das mais características dos dois ultimos decenios é o serio com que distinctas e grandes damas de côr imitam os trajos, os gestos, os cacoeles das mais finas arianas européas ou fluminenses, ou a doce ternura com que se tratam — de *Excellencias*...

V. Ex. para aqui, V. Ex. para acolá. E' um regalo.

Mas não era disto que haviamos mistér.

A politicagem, entretida, no destructar das pingues posições, estupidificada pela dupla miragem dos capitaes e dos braços estrangeiros, como se estes tivessem sido creados para estar á nossa disposição e nos serem offertados de mão beijada, nada viu, de nada curou e nem sabia curar... Pois poder-se-ia lá pensar que avesados cultores da advocacia administrativa, insignes inventores de malibarescas concessões, elles e seus alliados dos governes, dos ministerios, dos parlamentos, do jornalismo,



espreitadores de lucros, favores e vantagens, interrompessem seus graves affazeres para pensar no povo, na plebe, nos matutos, nos sertanejos, nos ex-escravos, na lavoura !...

Que loucura !

Afeiar o estylo, aleijar a phrase, esquecer, por instantes que fosse, os embevecimentos idiomáticos, a collocação dos pronomes, com esses plebeismos rebarbativos, especialmente agora que tudo deve ser *chic*, como as *avenidas* da moda e os *palacetes* dos architectos de fama...

Que loucura !

Mas eu insisto ; não era disto que havíamos mister. O que precisavamos, e teria sido duma vantagem maxima, incalculavel, era que não tivéssemos desmentido a lei historica ; era que no seculo XVIII e mais ainda no seculo XIX a massa enorme de tres milhões de escravos, ou mais, levando em conta as libertações parciaes operadas em todo o correr dos dois seculos, tivesse sido transformada num corpo solido de proprietarios e operarios agricolas.

Havia meios de o conseguir se o governo em nossa terra tivesse sido sempre uma função dos mais capazes e não essa selecção inominada, essa floração inclassificavel que tem sido constantemente o espanto das almas dignas.

E eis porque perdeu-se, em duas occasiões solemnes, o ensejo de se irem enchendo os quadros da população livre com a sua natural hierarchisação.

E eis porque, e é mais uma das nossas peculiares originalidades, no Brasil são só



facilmente realisaveis, sem intervenção estrangeira, os factos politicos e até sociaes, que podem espontaneamente ser transformados em themas litterarios, em assumptos de escriptos e discursos, que deixem larga margem a phrases bonitas, a periodos elegantes, a mencios rethoricos, eloquentes.

Illudem a todos com os bellos e sonoros palavreados, apontam os discolos como retardatarios, senão inimigos da patria. E o povo, o pobre *João Sem Terra*, na phrase de Proudhon, que é no Brasil amarissima realidade, tem chegado a perder até a consciencia de seus destinos e não sabe mais para onde o levam.

Eis porque, quando aporta em nossas plagas o estrangeiro intelligente, illustrado, sabedor, como esse Luiz Couty, cujo livro — *O Brasil em 1884*, deveria andar em todas as mãos e estar traduzido e espalhado por todas as escolas, apenas lança os olhos para a nossa população, não essa que flana na rua do Ouvidor, julgando-se digna rival da que percorre o *Bois de Boulogne* ou *Unter den Linden*, senão a outra, a que produz os pesados milhões com que se pagam os encargos e os esbanjamentos da lista civil, do funcionalismo publico, das loucuras de uma administração tumultuaria e imbecil; senão essa que trabalha, porque é ella que supporta os asperos afazeres dos seringaes, da canna de assucar, do café, da mineração, dos criatorios e pastoreios, das charqueadas e de todos os duros misteres da produção nacional, lá fóra nos campos e nos recessos do paiz, ou nas cidades, nas fabricas e nos mais grosseiros officios; essa



que trabalha e se bate, porque é também ella que na generalidade enche os quadros do exercito e da armada, e, quando chega a hora do perigo, deixa, na phrase do poeta, a *pagina da vida dobrada e parte para morrer*... eis porque o estrangeiro, que tem olhós para vêr, logo que os lança sobre o nosso tão querido e tão mal dirigido Brasil, é para ter phrases como estas verdadeiras, que nos fustigam como flammæ: «Tomemos a questão do alto, estudemos o conjunto da população. O estado funcional das gentes brasileiras pôde-se resumir numa palavra: o Brasil não tem povo! Dos seus dōze milhões de habitantes (hoje serão talvez quinze, o que não altera o raciocinio,) um milhão é de indios inuteis ou quasi, um milhão é de escravos, (hoje os ex-escravos e seus descendentes andam quasi inuteis, esparsos nos povoados e raros nas antigas fazendas e engenhos). Ficam nove milhões (serão talvez agora doze) mais ou menos. D'estes, 500 mil pertencem a familias proprietarias de escravos; são fazendeiros, advogados, medicos, engenheiros, empregados, administradores, negociantes. Acontece, porém, que o largo espaço comprehendido entre a alta classe dirigente e os escravos (agora criados e empregados de toda ordem) por ella utilizados não se acha sufficientemente preenchido. Seis milhões (actualmente mais) de habitantes, pelo menos, nascem, vegetam e morrem sem ter quasi servido a sua patria. No campo serão aggregados de fazendas, caipiras, matutos, caboclos; nas cidades, serão capangas, caçoeriras, ou simplesmente vadios e ébrios.



Capazes todos elles muitas vezes de labores pesados, como os da desbravação das mattas e arroteamento das terras, ou da criação de gados, não terão nem uma idéa da economia nem do trabalho seguido e perseverante. Os mais intelligentes, os mais activos, dois milhões talvez, serão negociantes, empregados, operarios ou criados. Em parte alguma, porém, se encontrarão, nem as massas fortemente organisadas dos livres productores agricolas ou industriaes, que, nos povos civilisados, são a base da ordem e da riqueza, nem tão pouco as massas de eleitores conscientes, sabendo votar e pensar, capazes de imporem aos governos uma direcção definida. »

E' forçoso accrescentar que, com todos esses defeitos e lacunas, trabalham muito mais do que a faustosa *élite* dirigente, cujos esforços negativos têm sido quasi sempre em pura perda do paiz.

São os agentes da politica alimentaria, cujas vantagens praticas para a nação são puramente illusorias. E ainda não está terminada a lista das nossas antinomias latino-americanas e nomeadamente nacionaes. Uma dellas, e das mais graves, é que não tivemos nunca, durante quatro seculos, senão revoluções e movimentos politicos, que longe de facilitarem a constituição social do povo, embaraçaram-n'a ao envez consideravelmente.

O começo de falha revolução social, que se devia iniciar com a emancipação dos escravos, foi logo entravado e desviado de seu curso pela revolução politica da proclama-



ção da Republica. O movimento social que devia proseguir no intuito de crear um povo de pequenos proprietarios agricolas e de trabalhadores livres, todos ligados á terra, já com elementos alienigenas, já com elementos nacionaes, remodelando a propriedade territorial, parou de subito e tudo atordou-se com inesperada e intensa reviravolta politica, que attraheu todas as attentões. Veiu á tona, um momento ao menos, o militarismo cercado de abusos. Surgiu de todos os lados o espirito de revolta e desordem.

Reappareceu a velha tendencia oligarchica mais ou menos apagada pela acção do imperio e retomou posição em todos os Estados.

Desencadeou-se febrilmente o animo de ganancia e fortuna facil ou a loucura do ensilhamento; parou a colonisação; surgiram as crises do trabalho e da producção.

Ensilhamentos, revoltas, das quaes a de Canudos tão vigorosamente descripta pelo nosso consocio foi apenas um rapido episodio, trouxeram a bancarrota, a moratoria, o *funding-loan*, a desordem economica geral.

E como era preciso que nos illudissimos, fascinando-nos com vistosas miragens, decretam se avenidas e boulevards, multiplicando os emprestimos, avolumando as dividas a um ponto inacreditavel e gravemente perigoso.

O capital estrangeiro, sempre soffregos por empregar-se, canalisou-se para cá, mas com a segurança de garantias definidas na hypo-



theca das rendas aduaneiras e, em varios pontos, com agentes seus nas repartições fiscaes....

A escravidão foi abolida e com ella a realeza : mas, com as nossas loucuras politicas todas feitas pelas admiraveis classes dirigentes, não curamos de educar as populações no trabalho remunerador e autonomo, não cuidamos de preparar o operariado livre nacional nem da colonisação habilmente encaminhada nem da exploração da terra pela industria magna—a cultura. Chegamos dest' arte á suprema degradação de retrogradar, dando de novo um sentido historico ás oligarchias locais e outhorgando-lhes nova função politica e social, que estão a exercer nos Estados com o mais afoito desembaraço ; e essa nova função vem a ser a consciencia geralmente espalhada da impossibilidade de deitar por terra uma oligarchia sem que se levante outra, porque—ou oligarchia ou anarchia !...

E mais, digo-o com dôr, chegamos ao ponto de não poder botar abaixo qualquer um desses governichos criminosos e asphixiadores senão pela traição ou pelo assassinato !

Com estas nefastas preoccupações politicas, cujo principal movel é fazer uma parte da população trabalhar para sustentar a outra, não admira que seja detestavel o estado social da nação e peculiarmente instavel e embaraçosa sua posição economica. Não admira que se levantem constantemente clamores de todos os lados. Inteligente, a seu modo, a afanosa *elite* sonha reformas aptas a calarem os brados das populações e



mais aptas ainda a conservá-la na direcção dos negocios.

E' então que surge o negativo esforço de *reformatar pelas cimalthas*, na vossa phrase, Sr. Euclýdes da Cunha.

No principal, o estado social do povo que deve ser remodelado por uma educação adequada á vida moderna e pelo aproveitamento habil da colonisação estrangeira e nacional, não se cogita.

Nas suas reformas começam pelo fim. Julgam que com o alargamento de ruas podem resolver os tremendamente inquietadores problemas brasileiros. A nação chegou ao seculo XX; o seculo em que se vai resolver o seu destino inteiramente desapercibida para a lucta.

A crise de nossa transformação para o moderno viver, tivemos a infelicidade que viesse a coincidir com o surto assombroso de força e riqueza dos grandes povos progressivos de formação particularista.

Assás temos já sentido a garra do leão em nossas carnes. As forças vivas da economia do povo estão passando ou já estão quasi todas nas mãos delles: o grande commercio bancario, o farto jogo dos cambios, o alto commercio importador e exportador, as melhores empresas de mineração, de viação, de transportes, de navegação, de obras de toda a casta, acham-se nesse numero.

Classes inteiras da antiga mercancia nacional desapareceram na miseria ou debatem-se nos paroxismos de um morrer inglorio, como essa dos commissarios de café. A curiosa rubiaceae, incrível factó!... dá hoje para enriquecer com milhões as casas impor-

tadoras do Havre, Hamburgo, Londres, New-York e as filiaes exportadoras que aqui montaram além dos grandes torradores estrangeiros, e só não chega para enriquecer quem a produz: o fazendeiro nacional, reduzido á miseria com a aggravação dos impostos, e o operario assalariado que vence minimas pagas por seu trabalho.

Só falta que os milionarios alienigenas, blindados pelos *trusts*, se apoderem directamente das fontes da producção, das fazendas.

Caminhamos para lá, porque esta evolução já está iniciada. Dest'arte, claro, não é de reformar pelas cimalthas que havemos mister. Não estamos no caso de ter academias de luxo, quando o povo não sabe ler; de ter palacios de Monroe, quando a mór parte da gente mora em estalagens e cortiços e as casas de pensão proliferam; de ter avenidas á beira-mar e theatros monumentaes, que vão ficar fechados, quando não temos fartas fontes de renda, quando a miseria é geral e quasi todas as cidades e todas as villas do Brasil são verdadeiras tapéras; de ter cá a reunião do Congresso Pan-Americano para dar-lhe, como illustração, as trucidações de Matto-Grosso e o assassinato de deputados e senadores em pleno dia, nos desregramentos duma politica feroz! Não estamos no caso de contrahir empréstimos loucamente avultados e ruinosos para os applicar em obras sumptuarias, quando os serviços mais simples estão por organizar por todo o paiz; quando temos enorme *deficit*, não fallo do orçamentario, o *deficit* da União, dos Estados, das Municipalidades, fallo do *deficit* do povo, aquelle que os economistas

chamam *deficit* de subsistencias, porque, possuindo o paiz talvez mais fertil do mundo, precisamos comprar fóra a mór parte das cousas indispensaveis á vida... E' dizer tudo !...

Os governos, os chefes politicos, os directores dos partidos, os grandes, os poderosos, todos os que formam essa classe dirigente, que nada dirige, não têm querido cumprir o seu mais elementar dever para com as populações nacionaes, inquirindo de seus mais inquietantes males, de suas mais urgentes necessidades.

A litteratura não o tem tambem cumprido, estudando-as, dizendo-lhes a verdade, educando-as, estimulando-as, corrigindo-as... Entretanto, é urgentissimo que nos aparelhemos.

A situação é esta:

O grande proprietario e productor de toda a ordem das roças perdeu o escravo, nervo do trabalho, e, não sendo possivel reduzir o colono estrangeiro nos pontos onde elle existe, á condição do antigo trabalhador, não tem tido a plasticidade exigida para a transformação imposta pelo novo estado social.

E como não tem capacidade por si para o trabalho, nem a encontra ampla na população rural ambiente, nem lhe occorre dividir os enormes latifundios e tentar a criação da pequena exploração agricola, deblatera-se e decaé.

Perdeu o Brasil o quasi monopolio do assucar, do ouro, dos brilhantes, está muito abalado no do café, e, pelo systema seguido no Amazonas, não admira que venha a ficar

Luz An. Corveado Brito



abalado tambem no da borracha, e que fará elle ?

Isto nos seus eminentes e culminantes ramos economicos, nas suas mais pingues fontes de riqueza.

O grosso da população é pauperrimo e desarticulado.

Nos campos, nas roças, nos sertões, no interior, produz, mas produz pouco e sem systema ; nas villas e cidades, quasi nada produz em pequenos e mal organizados officios e, um pouco mais, nas modernas fabricas installadas em varios pontos, onde o operariado geme, porém, nas garras dum capitalismo que se poderia chamar *quebrado* porque nós não temos grandes fortunas, fartas sommas accumuladas.

Releva, porém, ponderar que esse *operariado nacional*, de tempos a esta parte, anda fortemente transviado por *maleficos elementos estrangeiros* e de vez em quando põe em cerco o *quebrado capitalismo da terra*.

E' mais uma singular anomalia brasileira a *dupla corrente contraditoria de imigrantes*, que hodiernamente demandam com mais frequencia as nossas plagas: *frades e anarchistas*.

Já nos têm feito passar amargos momentos e ainda peores farão passar em futuro proximo, se não tomarmos as precisas precauções.

Dos dois curiosos bandos, de *frades e anarchistas*, expulsos de toda a parte e acceitos de braços abertos pelos nossos imprevidentissimos governos, resultam duas extravagancias que campeiam ahí a olhos



vistos: o augmento do *fanatismo e da superstição*, sob todas as fórmas, de um lado, e é a obra dos *frades*, e andarmos quasi diariamente a ter as GRÊVES, antes de termos as industrias, por outro lado, e é a obra dos *anarchistas*.

Um funcionalismo incontavel vac se encarregando de encher o vacuo. E' o caso de concluir comvosco, Sr. Dr. Euclýdes da Cunha: ou nos transformamos pela base ou succumbiremos:

Vós vos referistes aos esquecidos e desavisados sertanejos de entre o Itapicurú da Bahia e o Parnaýba do Piahy.

Não vejo motivo para esta selecção da morte, essa escolha dos que vão desaparecer! Desappareceremos todos, porque soffremos fundamentalmente dos mesmos vicios e defeitos.

Mais ha alguma coisa a tentar para resistir.

Olhemos para o Japão: transformememos, como elle.

Nesta ordem de assumptos, dizia-me, não ha muito, um intelligente viajante estrangeiro: Vós brasileiros entrastes agora numa grande febre de melhoramentos nesta cidade e creio que noutras pelo paiz em fóra. — Sim, é factó.

Mas, obtemperou elle, tendes tido idéa de iniciar a colonização e povoamento das admiraveis terras do Rio Branco, reserva providente, que será a unica base que tereis para manter a posse do valle amazonico? Não.

Tendes tido o cuidado de systematizar os trabalhos dos seringaes, vedando o es-

trago das plantas, e, principalmente, tendes procurado prender alli, em pontos varios, a população ao solo pela agricultura e industrias estáveis ? Não.

Tendes providenciado para que renasça nas vossas extensissimas zonas pastoris do norte até as fronteiras do Rio Grande, a grande industria da criação em todas as suas multiplas variedades ? Não.

Tendes com o systema das barragens romanas, corrigido as condições do solo de vosso paiz na famosa região das seccas ? Não.

Haveis cogitado do renascimento da industria do assucar, fonte outr'ora de vossa riqueza e que, por cuidados especiaes, pôde levar de vencida a beterraba, attenta a superioridade incalculavel da canna ? Não.

E o da magnifica industria da mineração noutro tempo tão florescente ? Não.

E haveis, sem duvida, já vos preocupado com o florescimento das culturas do algodão brasileiro, que não tem superior no mundo, e peculiarmente com a do tabaco, que rivalisa com o de Cuba ? Não.

Com certeza, porém, tendes attendido, com peculiar carinho, á producção dos cereaes nas regiões aptas do norte e sul, para que não andeis a comprar fóra os meios de subsistencia ? Não.

Sem a menor duvida, andaes preocupado com os meios praticos do povoamento da terra, aproveitando o que se pôde chamar a colonização nacional, attrahindo para o trabalho rural as populações desherdadas, esses esforçados cearenses, por



exemplo, fazendo-lhes concessões, dando-lhes terras, meios de trabalho? Não.

Haveis, em compensação, envidado herculeos esforços para a diffusão dos colonos estrangeiros para todas as boas zonas brasileiras, no intuito de irdes reforçando as gentes existentes? Não.

E, nomeadamente, estaes preparando a assimillação dos nucleos germanicos que subsistem em terras vossas? Não.

Mas não vos deve ter escapado a necessidade urgentissima de articular o paiz com vias ferreas de norte a sul e de lêste a oeste, vias ferreas que levam sempre consigo o povoamento da terra, não fallando já nas estradas vicinaes? Não.

Afinal, porém, haveis acabado com os velhos abusos, com a famosa moleza meridional, estaes, por uma educação rija, segura, forte, energica, adequada, transformando o caracter nacional e preparando-o pela disposição de coragem, espirito de progresso, de actividade, de iniciativa, de ardor pelo trabalho productivo, para dispensar os habitos communarios, a tutela do Estado e outros achaques latinos que têm sido a praga de nossas gentes? Não.

Então, meu caro senhor, não tendes feito nada!...

Tendes sido apenas o juguete do capital estrangeiro, avido por emprego a bom juro, e de certas corporações ou individuos postos por elle a seu serviço e que precisavam de apanhar grossas sommas numa especie de novo ensilhamento.

Não consta em todo correr da historia de mais de dez mil annos, que alargamentos



de ruas e aberturas de avenidas numa cidade qualquer, mero luxo a que as nações se entregam quando, cansadas da riqueza, entram a caducar, tivessem sido meio de solver os fundos males sociaes, as gravissimas inquietações de um povo! Despediu-se e deixou-me triste.

Tinha-se desmoronado a meus olhos o prestigio da *Avenida à beira mar*, por onde eu já andava a ver desfilhar todo o Brasil glorioso e prospero, dando leis ao mundo... É mais ainda, essa fantastica raridade do *Canal do Mangue*, que devia offuscar todas as Venezas existentes e por existir... (1)

E, todavia, o programma esboçado a correr em meia duzia de palavras por meu interlocutor estrangeiro é o que temos a fazer, especialmente na sua ultima parte.

(1) Em relação aos tão gabados melhoramentos do Rio de Janeiro, a famosa obra do tumultuario e despótico Dr. Passos, meu interlocutor usou destas phrases que eu não quiz reproduzir no texto do discurso:— Mesmo pelo que toca a esta cidade, ouso perguntar-vos: pensou-se em expungil-a dos terribes *corticões e estalagens* que a enchem e afelam pestilencialmente quasi por todos os lados? Não.

Pensou-se em tirar de seu centro tantas *cocheiras e estabe-las*, e de seus arrabaldes tantos *capinzans* que a deturpam e corrompem-lhe o ar? Não.

Cuidou-se de rectificar e canalisar os lobregos e nojentos *riachos* que a damnificam, do *Rio Comprido*, da *Joanna*, do *Trapicheiro*, da *Banana Podre*, *Maracaná*, e outros que a inundam na época das chuvas? Não.

Elevaram o solo de zonas luteiras urbanas no intuito de impedir essas deastrosas inundações? Não.

Tratou-se de melhorar o systema dos esgotos, o abastecimento d'agua, a não ser no papel? Não.

— Então, mesmo por esse lado, quasi nada tendes feito, a não ser *obra para inglês vêr*, seguindo vossa caracteristica expressão.

E é a verdade, em que pese aos *basbaques de encomenda*, que fazem offeito de elogiar a todo transe, a troca de dinheiro ou de empregos...



Senão, cairemos na vossa alternativa, Sr. Dr. Euclýdes da Cunha. O Brasil progredirá, é certo, por que elle tem de ser arrastado pela enorme reserva de força, poder e riqueza que está nas mãos das tres ou quatro grandes nações que se acham á frente do imperialismo moderno. Progredirá quasi exclusivamente com os braços, os capitaes, os esforços, as idéas, as iniciativas, as audacias, as creações dos estrangeiros, já que não queremos ou não podemos entrar directamente na faina, occupando o primeiro logar, como collaboradores.

Progredirá, certo; porque, affeiçãoado o paiz pouco a pouco a seu geito, elles, de posse das grandes forças productoras, de todas as fontes de riquezas, virão chegando opportunamente e tomando posição selecta entre os habitantes da terra, e, se não estivermos aparelhados, apercebidos, couraçados por todos os recursos da energia do caracter para a concorrência, iremos, nós, os latino-americanos, insensivelmente e fatalmente, para o segundo plano...

Assistiremos, como flotas, o banquetear dos poderosos: ficaremos, os da élite de hoje, na mesma posição a que temos condemnado, mais ou menos em geral, os africanos e indios e seus descendentes mais proximos, que trabalharam para nós...

Triste vingança da historia !

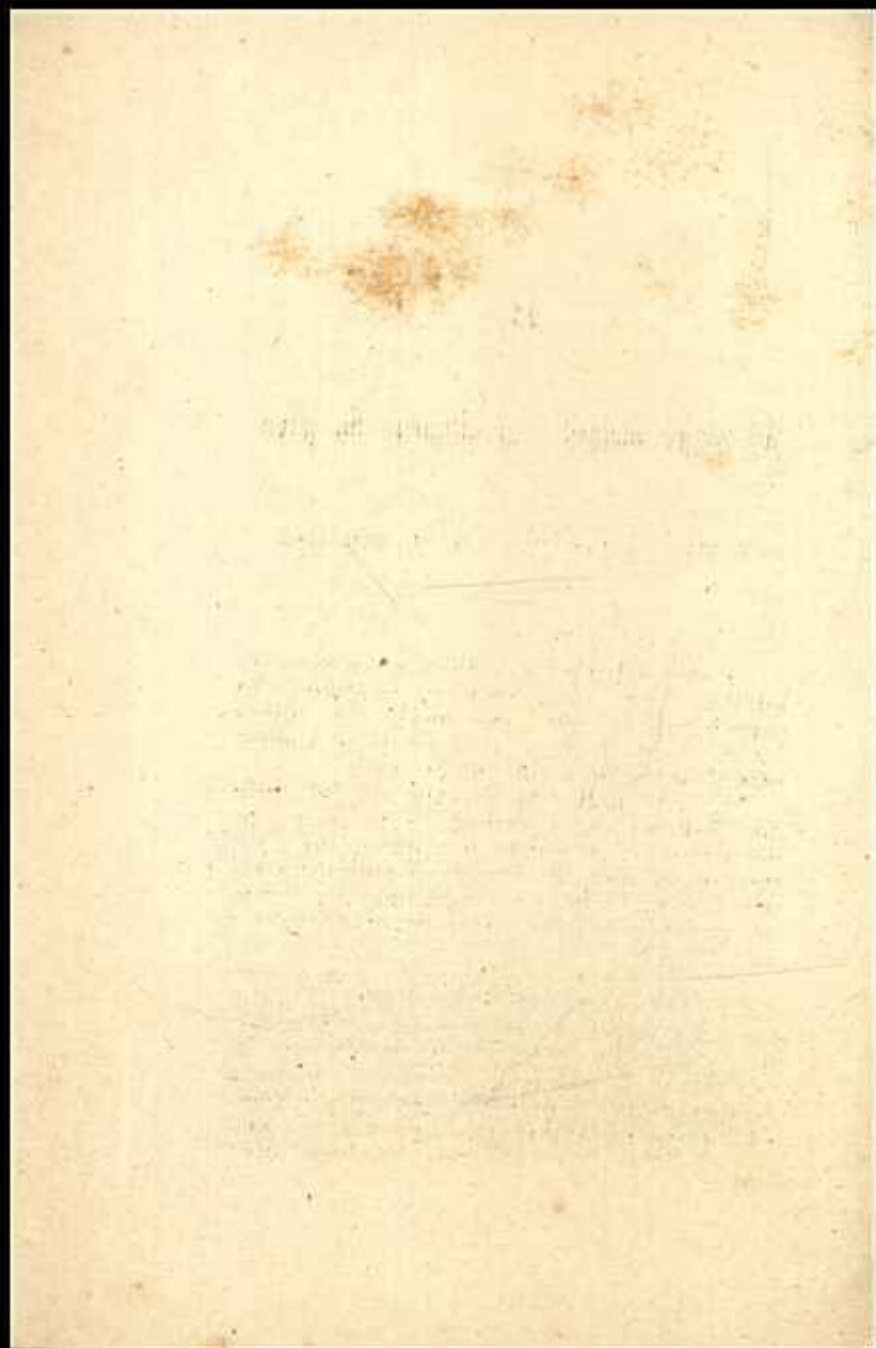
E sabe Deus a magua com que o digo...

Portanto, *excelsior, excelsior... Sursum corda!*

Trabalhemos, eduquemo-nos, reformemo-nos para viver...

(Dezembro de 1906).





II

As zonas sociaes e a situação do povo

(TRECHO D'UMA CARTA A M. ED. DEMOLINS)

.....

Póde-se dizer que o Brasil contém as seguintes zonas geographicas, perfeitamente caracterizadas, que são sédes de outras tantas *zonas sociaes*, attendendo-se á *natureza do trabalho* a que dão origem :

1.^a O planalto da Guyana no alto norte dos Estados do Amazonas e do Pará, especialmente na região em que corre o rio Branco. E' zona de *criação de gados*, industria, porém, incipiente, quasi toda por conta do governo federal, tudo desorganizado e mal dirigido.

2.^a As terras mais baixas, que immediatamente se seguem e vão a entestar com a margem norte do rio Amazonas. E' região de matias e da *cueillette* de productos espontaneos da natureza : *borracha, castanha, salsaparrilha, copahiba, cravo, piassava, urucú*, etc. A familia ahi nas classes populares é assás desorganizada, havendo quasi



inteira promiscuidade em mais de um sitio.

Existe uma pequena lavoura rudimentar, em alguns pontos, de *cacau*, *mandioca*, *canna de assucar* e *tabaco*. Os dois primeiros daquelles productos são quasi de simples *cueillette*.

3.ª As terras marginaes do norte e sul do grande rio, comprehendendo tambem a parte inferior do curso de seus afluentes.

E' o valle do Amazonas no seu sentido mais estricto. E' região de *pesca fluvial*. Os que se occupam nella estão no grão mais inferior das gentes que vivem dessa especie de industria.

4.ª A zona das mattas da região occidental onde se acham os cursos dos rios Madeira, Purús, Acre, Juruá, constituindo o nucleo principal do territorio do Acre, que com toda razão aspira organizar-se em Estado.

E' tambem região da *borracha* e industrias extractivas congeneres.

5.ª O planalto central-norte, comprehendido entre o Madeira, o Tocantins e o divisor das aguas do systema fluvial sul-americano. E' zona ainda quasi completamente inaproveitada.

Contém bons campos para a criação de gados.

6.ª O planalto do interior desde o divisor das aguas até á região serrana do Rio Grande do Sul.

Contém diversas variedades de terras e de culturas, como sejam: campos de criar, terras de mineração, terras de lavoura de café, tabaco, etc.



Deve esta immensa região ser dividida pelo menos em quatro zonas differentes: a dos *campos de criar* do norte de Minas, Goyaz e terras altas de Matto Grosso; a de *mineração*, um pouco espalhada por esses tres Estados; a do *café*, principalmente no sul de Minas, S. Paulo, terras altas do Rio de Janeiro; a de *criação de gados* em Paraná e Santa Catharina.

Por toda essa immensa região o typo da familia é instavel, por causa da transmissão parcellada das heranças, o que equivale dizer por causa de imposições retrogradadas da legislação.

6084
7.ª A região dos valles dos rios Paraguay e Guaporé, comprehendendo as terras baixas e médias de Matto Grosso. Predominam ahi a *cueillette* da herva-matte, alguma mineração e criação de gados em campos intercalados nas terras médias.

8.ª Região entre os rios Gurupy e o Parnahyba, comprehendendo o Estado do Maranhão e terras proximas. Arroz nos terrenos mais baixos, *canna de assucar* na região das mattas e alguma *criação de gado*, nos sertões de oeste.

9.ª Os sertões do norte, denominados — os *Cariris* — na sua região central, limitados pelo citado Parnahyba ao norte e o Itapicurú ou melhor o Paraguassú no Estado da Bahia. É uma faixa de terreno que fica ao leste do Brasil, entre os dois rios citados que lhes formam os limites de norte e sul, a região das mattas que se prolongam através da costa maritima pelo lado oriental e o alto planalto do interior pelo lado occidental. É a



classica zona das seccas que a flagellam periodicamente.

Criação de gados sujeita porém a grandes perdas nos periodos de seccas; cereaes nas regiões mais frescas á beira de serras, etc. São as industrias e o regimen do trabalho.

10.^a As terras da costa maritima, comprehendendo a citada faixa de mattas, desde o Maranhão até o Espirito Santo. E' a famosa região dos *engenhos de assucar*.

As melhores familias constituiram a patronagem natural das populações; mas a sua riqueza, que repousava no braço escravo, está quasi de todo anniquilada, por causa da *extinção da escravidão* e da *concorrência da beterraba* nos mercados mundiaes.

Ahi nesta zona em sitios adequados se cultiva tambem a *mandioca*, o *tabaco* e *cereaes*.

11.^a A região da costa do Espirito Santo ao Rio Grande do Sul. E' faixa estreita, por causa da approximação da Serra do Mar.

Arroz, *mandioca*, *cereaes* em pontos varios.

12.^a As terras que formam a descida do planalto para o lado do rio Paraná onde se acha o celebre territorio das *Missões*. E' zona de matta inaproveitada em grande parte, mas se faz ali alguma extracção da *hermatte* em varios sitios.

13.^a Os campos, pampas e cochilhas do Rio Grande do Sul; é a zona extrema do Brasil.

A criação de gados por um systema que lembra em parte a das *steppes* pobres d'Asia



e Africa, produz ali um typo social, que tem affinidades com os daquellas zonas.

Recapitulando, posso dizer que existem as seguintes *zonas sociaes* mais notaveis no Brasil: região do *gado* no alto norte; região da *borracha* no valle do Amazonas; região da *pesca fluvial* nesse grande rio e seus afluentes; região do *gado* nos sertões seccos do norte; região do *gado* nos campos e taboleiros de Minas, Goyaz e Matto Grosso; região do *assucar* na chamada zona da matta, desde o Maranhão até o norte do Estado do Rio de Janeiro; (faixas intermedias desta região existem proprias para o *algodão*, o *fumo*, a *banana*); região da *mineração* em Minas, Goyaz e Matto Grosso; região do *matte* nas mattas do Paraná e Santa Catharina e parte de Matto Grosso; região do *gado* no planalto destes dois ultimos Estados; região dos *cereaes* na zona serrana de Santa Catharina e Rio Grande do Sul; região do *gado* nos campos deste ultimo Estado.

Pela simples inspecção deste quadro, bem vêdes, caro mestre, que no Brasil o trabalho, como base social é cheio de grandes lacunas. Predominam os productos de méra *cueillette*, já de plantas puramente extractivas, já de fructos arborecentes, etc. A propria cultura do café é algum tanto analoga á da castanha e das nozes na Europa; pois que, uma vez plantada, a arvore vive de vinte e cinco a trinta annos dando bons resultados, quasi sem esforço da parte do homem.

A cultura mais difficil da canna de assucar repousou durante mui perto de quatrô



seculos no braço escravo. Os engenhos eram grosseiras explorações de caracter commercial, como as fazendas que ainda hoje os portuguezes mantêm na Africa. Logo que cessou o braço escravo, a producção do assucar se alterou consideravelmente com as despesas accrescidas, etc.

Quando o assucar da baterraba começava a inundar os mercados do mundo, a cultura da canna no Brasil entrou em crise franca.

Os trabalhos da mineração prosperaram algum tanto no regimen colonial com o braço escravo e quando os minereos estavam á flôr da terra.

Logo que foram precisas obras d'arte, difficultosas e caras, a mineração cessou quasi por completo, existindo apenas hoje algumas companhias inglezas, com capitães desta origem.

E' esta a base económica que justifica as conclusões a que cheguei a respeito do estado actual do povo brasileiro, conclusões que passo a deduzir.

O povo brasileiro, considerado em seu conjuncto, offerece o espectáculo *d'une société à formation communautaire ébranlée*. A velha familia portugueza, que de *patriarcale-absolutiste* — já se tinha transformado em verdadeira familia *patriarcale désorganisée*, em consequencia da quasi geral *transmissão parcellada das heranças e dominios*, ainda mais se tem desorganizado no Brasil, chegando ao ponto de *verdadeira familia instavel*, sob o influxo, cada vez mais rigoroso, do alludido systema de transmissão hereditaria parcellada e da desorganização



crecente do trabalho com a extinção da escravidão e inexistência de colonização geral systematisada, nacional e estrangeira.

O trabalho, desde os começos do povoamento no seculo XVI, teve, como sabeis, a base falsa da escravidão, pretendendo o portuguez forçar dois povos que desconheciam por completo a cultura (*Indios e Negros*) a serem agricultores, quando elle portuguez não o era tambem em rigor, por não ter passado verdadeiramente da *cucillette* de fructos aborescentes, hortaliças, alguns cereaes e da leve cultura da *vinha*. A verdade é que nem o colonó portuguez nem os seus escravos, indios e negros, estavam preparados para os duros trabalhos da cultura americana. A emancipação rapida perturbou ainda mais tudo isto.

Com semelhante base de *familia* e de *trabalho*—, o regimen *communario abalado* ou de *Estado* domina d'alto a baixo em toda a nação, de norte a sul, de léste a oeste. A familia aqui se poderia chamar *patriarcal desorganizada* em os tempos coloniaes.

Hoje tem os caracteres da familia completamente *instavel*.

Perdeu todas as vantagens do regimen *patriarcal*, ao contacto do negro e do indio, que não tinham familia, e mais com o sistema da escravidão como base do trabalho, e mais com o modo parcellado da transmissão hereditaria e mais, finalmente, com a quéda subita da falsa base do alludido trabalho escravo.

Perdeu todas as vantagens do regimen patriarcal, repito, sem ter até agora obtido

as do regimen de *formação particularista*, a que não chegará senão ou por uma assimilação habil de elementos provindos das raças particularistas, ou por um systema de educação severissima d'alto a baixo, como esse que preconisae em *La Nouvelle E'ducation*. Nós os brasileiros soffremos em larga escala de todos os achaques dos povos communarios de Estado que vós tendes descripto tão acuradamente em vossas obras.

Nós os brasileiros do extremo norte ao extremo sul, desde as fronteiras das Guyanas e de Venezuela e Columbia até os limites com o Estado Oriental do Uruguay, formamos, em rigor, uma collecção de verdadeiros *clans* de especies varias, nas quaes o individuo não possui a mais leve sombra de iniciativa e espirito organicamente apprehendedor.

As tendencias communarias dos povos que nos formaram, aggravaram-se consideravelmente na estrutura na nova sociedade.

Póde-se até dizer que algumas boas qualidades de que eram portadores os colonos europeus se dissolveram ao contacto d'indios e negros e do novo meio tropical, que obraram como uma especie de reagente chimico de indole destruidora.

As gentes brasileiras por toda a vastidão do interior do paiz, e até nas proprias cidades nas camadas populares, vivem de ordinario todas em torno dum *chefe*, dum *patrão*, dum *protector*, dum *guia*; todos têm o seu *homem*.

Os *fazendeiros*, quer nas fazendas de café, quer nas de criação de gados, os *se-*



nhores de engenho, os *chefes de partido*, as *influencias* locais, os *negociantes* abastados das villas e cidades, em varios pontos os *rigarios* das freguezias, os *juizes de direito*, os *advogados* de renome, os *medicos* esportos, todos, todos esses e muitos mais são como chefes de grupos, de *clans*, em torno dos quaes vivem as populações por esse Brasil em fóra.

A politica nos Estados gira em torno d'um chefe, um *oligarcha*; na União em torno d'um *mandão geral*, o guia e senhor do *bloco*... N'este facto se prendem muitos phenomenos sociaes, como o de *familias* inteiras que nos centros se bateram sempre até ao exterminio, e o apparecimento repetido de *bandidos*, chefes de grupos nomades, que devastam o interior do paiz.

Os trabalhos da cultura agricola, da criação, da mineração, das industrias da navegação são muito pouco desenvolvidos.

A maior parte da população brasileira moureja desequilibrada e consumida por um accentuado pauperismo.

Um terço, senão menos, trabalha mal para alimentar os outros dois terços.

O recurso geral é a politica, sob todos os aspectos grosseiros de que se costuma revestir, a verdadeira *politique alimentaire*, tão cruamente descripta pela escola social de Le Play e seus eminentes discipulos. Os partidos, as associações ou agrupamentos quaesquer nas freguezias, nos municipios, nas comarcas, nas provincias, hoje, Estados, na União, todas as instituições, todos os cargos publicos, em numero incalculavel, não têm outro destino, não têm outra função :



seu fim é fornecer *meios de vida* a uma clientela infinita. O Estado não tem por fim proprio a manutenção da ordem, a garantia da justiça, ou, se quizerem, a ajuda de certos empreendimentos elevados; seu papel preponderante, e quasi exclusivo, é alimentar a mór parte da população á custa dos poucos que trabalham e isso por todos os meios, como sejam as malhas dum functionalismo innumeravel.

Quando não são os empregos directos nas repartições publicas, muitos delles inuteis, são as commissões para os influentes, as pensões, as gratificações sob titulos varios, as obras publicas de toda a casta e milhares de outras *propinas*.

Nestas condições, não é de estranhar que a *politica* preocupe muito os brasileiros, mas é a politica que consiste em fazer *eleições* para ver quem vae acima e ficará em condições de fazer favores.

O gráo de corrupção e abastardamento a que chegaram os costumes eleitoraes não é susceptivel de descripção por penna d'homem.

O geral do povo detesta a vida do campo, e, mesmo no interior, accumula-se nas povoações:—cidades, villas, aldeias, arraiaes etc. E' á cata do chefe para o arrimo, á cata do emprego publico, do arranjo politico sob qualquer fórma.

A propensão que têm os moços para se graduarem, para receberem titulos academicos é notoria. E' para seguirem a vida das cidades nas profissões liberaes, no jornalismo, na litteratura, nos empregos da administração.

Nas classes inferiores os que não conseguem arranjo nos empregos compatíveis com sua falta de cultura, ou nas obras públicas, têm um derivativo nas fileiras do exercito que se recruta pelo voluntariado, ou nos corpos policiaes e milicias urbanas que são numerosos na capital e nos Estados.

E' esse o retrato social dos brasileiros de hoje em traços rapidos.

A comprovação completa resultará do estudo meudo de todas as regiões do paiz.

Maio de 1906.



FACULDADE DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS E LETRAS DE ASSIS
BIBLIOTECA CENTRAL
REGISTRO DE EMPRÉSTIMO DE LIVRO

Tombo 6.084

Autor Romero, Silvio

Título O Brasil social

869.901

Classificação R763b

N.º do Leitor	Data
<u>352</u>	<u>16-9-70</u>
<u>P47</u>	<u>211</u>

TOMBO: 6.084

FACULDADE DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS
E LETRAS DE ASSIS

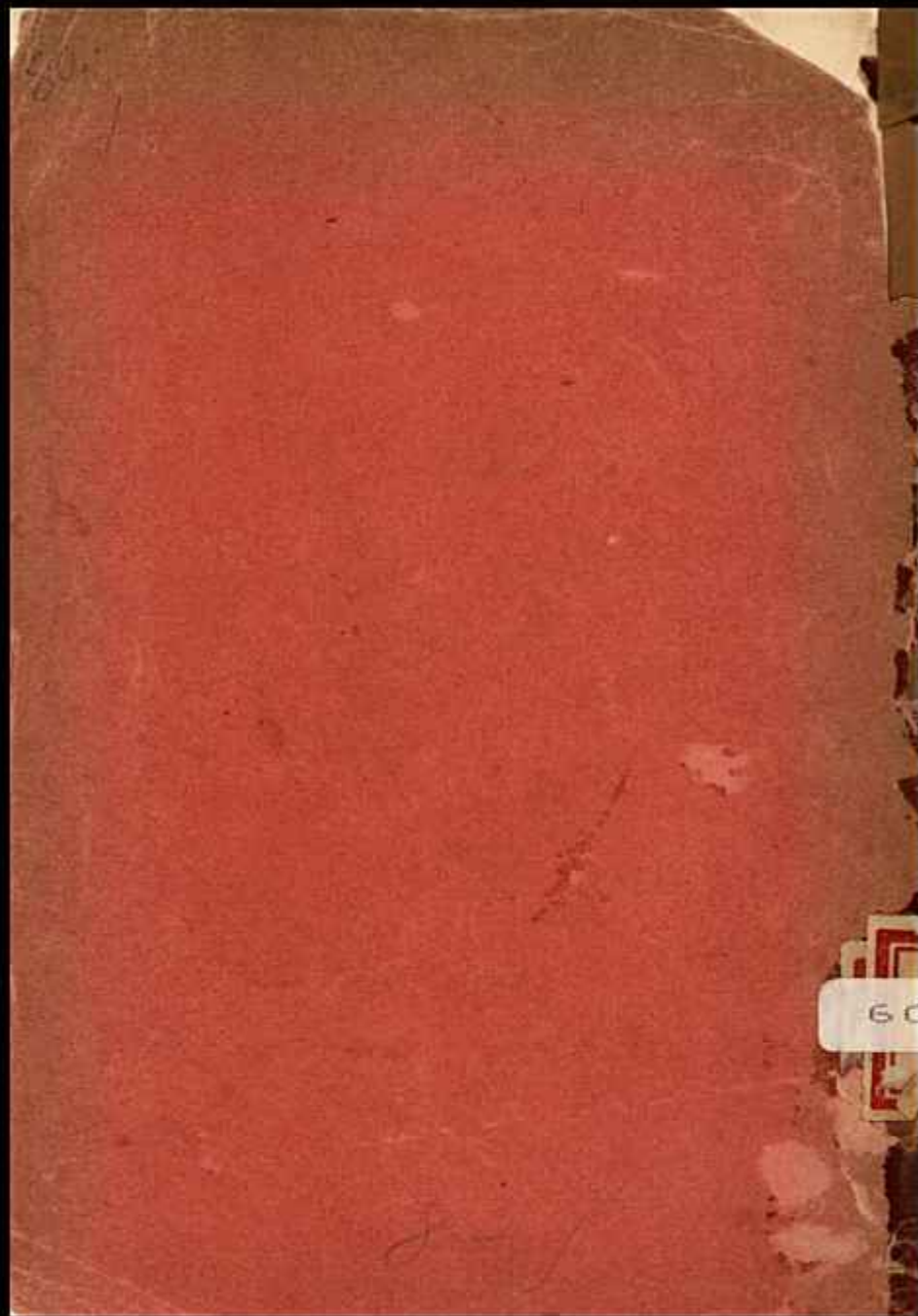
BIBLIOTECA CENTRAL

Se este livro não for devolvido dentro do prazo, o leitor perderá o direito a novos empréstimos.

O prazo poderá ser prorrogado se não houver pedido para este livro.

MOD. 88 - 63 - III - 20.000





60



unesp